

TERRITORIALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI EM PRESIDENTE PRUDENTE – SP: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO BAIRRO VILA NOVA E JARDIM JABAQUARA

Mateus Vantuir Cardozo Lopes

orcid.org/0000-0002-3342-3435
Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)
E-mail: mateusvantuir@gmail.com

DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7285

Resumo

Neste trabalho procuramos compreender as relações socioespaciais que acontecem na prática da prostituição travesti em Presidente Prudente, mais especificamente no bairro Vila Nova, que foi palco dos bordes antigos da cidade e já foi considerado periférico, mesmo estando próximo ao centro. Os conceitos de território e territorialidades nos permitem fazer uma leitura geográfica do fenômeno. O trabalho também faz uma reconstituição histórica da expansão urbana desta parcela da cidade, que foi pouco explorada nos trabalhos acadêmicos. Trabalhando tempo e espaço de forma indissociável, o propósito central da pesquisa é fazer uma associação entre as dinâmicas de produção do espaço urbano e os trajetos da prostituição travesti, que instituíram um lugar complexo em que se encontram os moradores locais, os clientes e as travestis e manifestam múltiplas territorialidades.

Palavras-chave: Travesti; Territorialidade; Presidente Prudente; Prostituição.

TERRITORIALIZATION AND HISTORICAL CONTEXT OF TRANSVESTITE PROSTITUTION IN PRESIDENTE PRUDENTE – SP: AN APPROACH FROM VILA NOVA NEIGHBORHOOD AND JARDIM JABAQUARA

Abstract

In this work we seek to understand the socio spatial relationships they happen in the practice of transvestite prostitution in Presidente Prudente, more specifically in the Vila Nova neighbourhood, which was the scene of the old city's riverbanks and was already considered peripheral, even being close to the center. The concepts to make a reading of the geographical phenomenon. The work also makes a historical reconstruction of the urban expansion of this part of the city, which was little explored in the academic works. Working time and space in an inseparable way, the central purpose of the research is to make an association between the dynamics of production of the urban space and the paths of transvestite prostitution, which have established a complex place in which locals, clientes and transvestites and manifest multiple territorialities.

Key words: Transvestite; Territoriality; Presidente Prudente; Prostitution

TERRITORIALIZACIÓN Y CONTEXTO HISTÓRICO DE LA PROSTITUCIÓN TRAVESTI EN EL PRESIDENTE PRUDENTE – SP: UN ENFOQUE DESDE BAIRRO VILA NOVA Y JARDÍN JABAQUARA

Resumen

En este trabajo buscamos entender las relaciones socioespaciales que se producen en la práctica de la prostitución travesti en Presidente Prudente, más concretamente en el

barrio Vila Nova, que fue escenario del antiguo burdel de la ciudad y ya se consideraba periférico Incluso estando cerca del centro. Los conceptos de territorio y territorialidad nos permiten hacer una lectura geográfica del fenómeno. La obra también hace una reconstrucción histórica de la expansión urbana de esta parte de la ciudad, que fue poco explorada en obras académicas. Tiempo de trabajo y espacio de manera indisoluble, el propósito central de la investigación es hacer una asociación entre la dinámica de producción del espacio urbano y los caminos de la prostitución travesti, que instituyó un lugar complejo en el que se encuentran los residentes Clientes y Travestis y manifiestan múltiples territorialidades.

Palabras-clave: Travesti; Territorialidad; Presidente Prudente; Prostitución

Introdução

Este artigo faz uma breve apresentação de uma pesquisa desenvolvida entre 2016 a 2018 junto às travestis que desempenham o papel de prostituição no bairro Vila Nova em Presidente Prudente. O processo investigativo do trabalho partiu em responder questões relacionadas ao corpo e sexualidade e a territorialização destes sujeitos na cidade ao longo do processo de urbanização em Presidente Prudente.

As questões de gênero e sexualidade são temas relativamente novos na geografia brasileira. Em uma pesquisa feita por Silva; Ornat; Cesar; Chimin Junior; Przybys (2013), são levantando trabalhos – dissertações, teses e artigos periódicos – realizados no Brasil de 1987 a 2011, chegando a um total de 34 trabalhos sobre sexualidades e 50 sobre gênero.

A importância dos estudos de gênero e sexualidade está em que, por meio deles, é possível debater algumas das relações de poder que se estabelecem entre sujeitos marginalizados/excluídos e os espaços urbanos. Estamos nos referindo a sujeitos definidos por Silva (2013) como “abjetos”, que causam repulsa por parte da sociedade heteronormativa.¹

A compreensão destes temas pela geografia tem passado, normalmente pelo conceito de território, que envolve uma apropriação real e simbólica de espaço, sua negociação e controle (HAESBAERT, 2007). Uma apropriação que é, também, uma delimitação de fronteiras que separam os de dentro e os de fora, num jogo do qual, na cidade, participam tanto as travestis, quanto seus clientes, mas também a sociedade heteronormativa, que tem aversão a estes corpos.

Silva (2011, p. 32) afirma que a formação de territórios da prostituição surge como anseios da sociedade em construir um espaço de exclusão destinado à prostituição ou, às

¹ “Normas estabelecidas para dizer que apenas relações heterossexuais são naturais e/ou socialmente aceitas” Santana e Benevento (2013, p. 01).

vezes, espaços são criados para dar visibilidade a estes sujeitos. Ornat (2013, p. 238) utiliza o conceito de território paradoxal para explicar as relações *insider/outsider* produzidas pelas travestis e seus clientes, em territórios de prostituição descontínuos e combinados, nos quais estas posições se alternam. A prostituição é caracterizada pela sociedade como uma prática levada a efeito por um grupo marginal. Para nossa sociedade, o espaço “natural” da travesti, enquanto sujeito marginal, é o da prostituição que, via de regra, ocorre em locais “degradados” da cidade e no período noturno.

O trabalho que apresento está dividido em três pontos no qual apresento em um primeiro momento os conceitos de território mostrado em Haesbaert (2004 e 2007) e o de território paradoxal discutido na tese de Ornat (2011 e 2013). A compreensão de território mostrado pelos dois autores foi relevante ao evidenciar as formas de territorialidades da prostituição travesti em Presidente Prudente.

Em um segundo momento faço uma breve apresentação do contexto histórico da prostituição na cidade e das redes de prostituições que atuavam e as mudanças que tiveram ao longo do tempo, estes dados foram coletados através de duas entrevistas realizadas para a construção destes processos na cidade – dona da pensão que acolhe as travestis; travesti e ex-prostituta que atuou nos anos de baixo meretrício.

As entrevistas foram definidas em horários marcados e aplicadas de forma anônima para preservar a complexidade das relações que são dadas nos bairros. O nome das pessoas que puderam contribuir com esta pesquisa foi denominado com letras do alfabeto.

No terceiro ponto de destaque é apresentado o processo de urbanização do bairro Vila Nova e como foram dadas as práticas de prostituição ao longo do tempo e que tiveram embates entre para a sua consolidação e o desmanche do território.

Território da prostituição

Como dito logo na introdução, são múltiplas as discussões em que podem se encaixar as questões das travestis. A mais adequada para fazer uma relação entre o bairro Vila Nova e a prostituição é a partir da utilização do conceito de território. Ornat (2011) discute a questão da territorialidade travesti na cidade de Ponta Grossa. Ao introduzir o conceito de território o autor explica como acontecem as performances travestis no espaço:

A compreensão – das territorialidades – parte da prerrogativa de que o espaço é feito, segundo as práticas incorporadas, segundo a produção social de um espaço vivenciado cotidianamente, resultado de versões

particulares de performances relacionais. Da mesma forma, todas as interseções de diferentes dimensões de categorias identitárias das travestis são co-constituídas através destas relações entre espacialidades e temporalidades (ORNAT, 2011, p. 78).

O autor traz como exemplo as construções indenitárias das travestis prostitutas e suas construções nos espaços ao longo do tempo. Em Presidente Prudente, nos relatos das primeiras travestis que foram às ruas trabalhar com prostituição, mesmo sofrendo repressões policiais e a repulsa da população, o ato de resistir e ali permanecer todas as noites acabou por identificar a área como território da prostituição travesti na cidade – uma construção negociada, que se deu pela apropriação periódica e que é fundamental para a própria realização da atividade, que precisa de um ponto de referência no espaço, onde o serviço do sexo é oferecido. As intenções deste grupo de pessoas não eram causar a repulsa da sociedade para adquirir os espaços centrais que lhes são negados, mas conquistar o direito de estarem ali e exercer uma das únicas profissões abertas às travestis (a venda de serviços sexuais).

As travestis são caracterizadas por Silva (2011) como sujeitos abjetos, que causam repulsa na sociedade. A autora compreende que a prostituição se torna uma condição imposta para ter autonomia e independência financeira.

Ornat (2013, p. 210) afirma que “[...] se a prostituição é uma das poucas possibilidades que a sociedade ocidental oferece para as travestis, elas fazem desse espaço de prostituição seu território”.

A complexidade do território da prostituição travesti, que envolve tanto a rua, onde ocorre a exposição e o contato com o cliente se estabelece, onde os valores são combinados, quanto aos locais em que a transação é efetivada, que pode ser desde ruas desertas e terrenos baldios, até motéis e hotéis já preestabelecidos. Estes territórios descontínuos e as relações cambiantes entre travestis e clientes em cada um deles faz com que o território da prostituição travesti seja entendido como um “território descontínuo paradoxal”, tal como proposto por Ornat (2011), visto que neste território e nestas relações básicas (travesti/cliente) que o constituem não estão claramente definidos quem são os *insiders* e os *outsiders* do território. Numa definição mais convencional, território delimita um nó e um eles, demarca uma relação de alteridade, pela comunicação de fronteira. Mas no território da prostituição travesti, os clientes estão dentro e em cada uma das situações (no contato e na efetivação do serviço) muda sua posição de poder na relação.

A territorialidade da prostituição protagonizada pelas travestis acontece de forma diferente da feminina. Silva (2011, p. 26) argumenta que as performances das travestis prostitutas na cidade são distantes de outras performances femininas, pois a sociedade heteronormativa recusa as travestis na cidade. Em outras palavras, a prostituição de mulheres é aceita de forma que não causa tanto impacto e a prostituição de travestis acontece somente à noite e não durante o dia, como pode acontecer com a prostituição feminina.

Na área de estudo em Presidente Prudente é possível perceber que durante o dia, nos finais de semana, acontece a prostituição feminina. Ao anoitecer, as mulheres param suas atividades para dar lugar à territorialização da prostituição das travestis.

Estas duas práticas de prostituição – prostituição de mulheres e prostituição travesti – não se dão de forma simultânea (mesmos horários) no bairro Vila Nova. No decorrer do trabalho faço uma explicação sobre essas duas práticas e o papel da territorialização travesti, na qual a travesti mais antiga exerce o papel de organizar as diferentes formas de prostituição na cidade.

Nas noites da cidade de Presidente Prudente, a espacialização desta atividade, ao contrário do que se pensa, não resulta do mero acaso. A prostituição travesti acontece, sabidamente, numa área que pode ser considerada área degradada do centro (CORRÊA, 2003), próxima à rodoviária e ao terminal de transporte coletivo urbano. À noite, é uma área lúgubre, marcada pela presença de muitos outros sujeitos marginais, como moradores de rua e outros “nômades”.

Recorremos a Haesbaert (2004) para ressaltar a questão do território em dimensões simbólicas. O autor afirma que o conceito de território, mesmo que seja bastante polissêmico, contempla três dimensões fundamentais, quais sejam: política, econômica e a cultural. É através delas que a espacialidade que produz a territorialização se expressa. Assim, o território é um recorte espacial no qual um grupo social ou um sujeito “toma a posse” e, através de determinadas práticas, busca permanecer neste espaço a fim de cumprir seus objetivos. Haesbaert (2007, p. 28) também considera o processo de apropriação simbólica pois “prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço”.

A apropriação é, também, uma delimitação de fronteiras que separam os de dentro e os de fora, num jogo do qual participam tanto as travestis, quanto seus clientes, mas também toda a sociedade heteronormativa, que tem ojeriza destes corpos. Assim, a disputa

por território em que as travestis estão inseridas no seu cotidiano também se expressa como luta pela sua própria vida; por acesso à cidade da qual são excluídas.

Esses sujeitos travestis, ainda que marginalizados, vivem na cidade e dependem dela, afinal, como nos lembra Corrêa (2003), o espaço urbano é resultado do conflito entre interesses de vários agentes, inclusive de grupos sociais excluídos. Essas considerações nos permitem compreender a temática tanto do ponto de vista da geografia urbana, quanto da geografia das sexualidades, considerando suas múltiplas implicações, num esforço de produzir um trabalho que transita e conecta ambos estes subcampos da geografia.

Primeiros indícios de prostituição travesti em Presidente Prudente

Os primeiros indícios de prostituição travesti nas ruas de Presidente Prudente, especificamente no bairro Vila Nova, aconteceram por volta do final da década de 1980. Anteriormente ao início da prostituição na rua, esta acontecia de forma velada dentro de casas e hotéis.

Em entrevista com as travestis que estão há mais tempo na cidade, foi relatado que as áreas onde aconteciam práticas de prostituição estavam no bairro Jardim Jabaquara, que tem quatro ruas, e fica a 10 quilômetros do centro da cidade. Estas áreas eram conhecidas como zona do baixo meretrício. Mattos (2011) caracteriza áreas de “zona” e “meretrício” e define estes espaços na cidade do Rio de Janeiro como:

O inter-relacionamento entre a “zona” do meretrício e o “baixo” meretrício pode ser entendido como uma forma de distinção social entre dois tipos de prostitutas que dividem essas áreas. As prostitutas da “zona” eram mais novas e refinadas [...] que desenvolviam suas atividades em “pensões”, hotéis aristocráticos e casas de espetáculos sofisticada [...]. As prostitutas de “baixo” meretrício, em contrapartida, eram mestiças, que se instalavam em hospedarias, botequins, estalagens e “alcouces”, estando a imagem cotidiana desses logradouros associados à desordem em função da prática comum das rameiras nas calçadas das ruas de sua área (MATTOS, 2011, p. 48).

Assim como no Rio de Janeiro, as casas de “zonas” em Presidente Prudente se davam a partir da junção entre a prostituição travesti e a feminina no Jardim Jabaquara, até o final dos anos de 1980. Este bairro, era caracterizado como área de baixo meretrício por não proporcionar um ambiente de prostituição sofisticado e requintado, mas somente as casas voltadas à prostituição.

Ribeiro e Oliveira (2011) afirmam que a prostituição feminina acontece em espaços de “fachada”, com anúncio de prestação de serviços relacionados à massagem, casas de dança e bares. Este modo de prostituição tende a ter um custo maior do que as de rua.

O Jardim Jabaquara, por volta dos anos de 1970, não tinha uma estrutura de saneamento básico e era composto apenas por uma rua denominada de Rua Mercúrio, onde atualmente está localizado o pensionato que acolhe as travestis vindas de outras cidades para a prática de prostituição em Presidente Prudente.

Em entrevista, a travesti T² descreve o bairro – Jardim Jabaquara – e as casas destinadas à prostituição feminina e travesti no baixo meretrício, que aconteciam de forma simultânea:

Antes, na casa maior que eu morava, era a casa maior que eu tinha, porque era a mais conhecida, porque eram as mulheres mais lindas, só tinha gaúchas na casa, do olho azul e os homens vendiam casa, vendiam carros para pagar essas mulheres, porque tudo era novidade [...] tem mulher hoje aqui no bairro que tem cinco ou seis casas por causa, em relação a isso, porque eram mulheres de programa na época, e foi viver uma vida normal, fora dessa profissão [...] inclusive o nome das ruas desse bairro é tudo nome de planeta hoje e antes era, não era esses nomes eram ruas dos prazeres rua não sei do que [...] era um bairro né todo pra prostituição, hoje em dia não tem mais isso aqui, não (Travesti T).

As ruas davam cenário a casas com dois a três quartos, comandada e organizada pelo processo de cafetinagem. Cada casa tinha a cafetina, que desenvolvia o papel de proprietária da casa, tendo a função de efetuar a cobrança dos aluguéis dos quartos e pagamento das dívidas que a casa de prostituição gerava. O papel da gerente era fazer o contato entre a prostituição-cliente, organizar os horários de programa das travestis que frequentavam a casa e resolver problemas do cotidiano da prostituição.

No período em que as casas voltadas para a prostituição estiveram abertas no Jardim Jabaquara – época do baixo meretrício - há diferença das relações que as travestis tinham com os atuais pontos de prostituição – a rua. Nas entrevistas, é mostrado que estes locais possuíam uma restrição, a rede de prostituição não acontecia de forma combinada e com apresentação entre as travestis de outras cidades.

Ali era uma zona antigamente, frequentei muito aquela zona [...] a zona ali era muito boa, mas a convivência com as travestis era muito difícil, era muito rígida, não era como hoje que chega, fica bagunça, faz o que quer e

² Entrevistada T, 33 anos, trabalha com prostituição no bairro Vila Nova, moradora do bairro Jardim Jabaquara. Entrevista realizada no dia 15 de julho de 2017.

vai embora. Na nossa época, quando chegava uma travesti de fora, a gente tinha que investigar quem que era a travesti, aí se visse que era gente boa e não roubasse aí ficava na cidade, se não, nós levava era na pista ou na rodoviária punhava ela dentro do ônibus e mandava embora [...] aí chegava se convivesse com a gente bem, bem se não a gente já ponhava pra fora (Travesti I³).

As travestis que atuavam na cidade tentavam levar em consideração a preservação do bem-estar na atividade da prostituição, nas diferentes relações que se davam na cidade, principalmente policial. Não era qualquer travesti que poderia vir de outra cidade, precisava fazer um contato direto com conhecidas de Presidente Prudente e fazer a prática da prostituição nas zonas da cidade.

A organização das zonas tinha uma hierarquia, para acolher as travestis e mulheres vindas de outras cidades, era cobrado o aluguel para dormir nas casas e, posteriormente – nos períodos noturnos –, ocorria a prostituição. Logo na chegada das travestis nas zonas, seus corpos passavam por transformações, com a aplicação de hormônios caseiros, o que era uma revolução para a época.

Em um trecho da entrevista, a travesti I, conta um pouco do processo de transformação do corpo:

[...] quase morri, fui no hospital ninguém queria saber, não sabia o que fazer, queriam arrancar meu peito fora e eu não deixei, aí passou um tempo e eu fui e coloquei mais meio copo de vidro de silicone no peito, mas me arrependo até hoje de ter posto isso [...] dói muito, no frio dói de mais você precisa de ver, no frio empedra [...] eu coloquei foi industrial, foi o primeiro silicone que chegou (Travesti I).

O processo de mudança no corpo das travestis no período em que vigoravam as casas no Jardim Jabaquara era algo inovador tanto para as travestis, quanto para a procura por esses corpos. Mesmo com a demanda de clientes que buscavam seus corpos, estes eram vistos como um lugar pertencente ao “submundo”, os mais obscuros da época. Na mudança do corpo, certos clientes procuravam as travestis por curiosidade em ver um corpo em trânsito entre o masculino e o feminino.

A prostituição na rua aumenta a situação de vulnerabilidade das travestis, por estarem em um local totalmente exposto. A prostituição nas ruas acontecia há bastante tempo, mesmo paralelamente à existência da zona do baixo meretrício no Jardim Jabaquara,

³ Entrevistada I, 52 anos, nascida em Presidente Prudente, ex-prostituta, trabalha como diarista. Entrevista realizada 21 de novembro de 2018.

mas não era algo como atualmente, em que acontece somente nestes locais públicos. Em Presidente Prudente, desde a época das zonas, nas áreas centrais, ocorria uma prostituição dita como marginal, na Avenida Brasil e na Rua Rui Barbosa.

Depois que fechou a zona aí que as travestis foram para as ruas, aí frequentamos a Praça da Bandeira, aí a polícia arrancou nós dali, aí jogamos lá na Rui Barbosa, aí nós fazemos a Rui Barbosa, Av. Brasil e a Rodovia [...] o ano foi em 1980. Aí, depois que fechou a zona tinha a casa da Soraya só, foi onde as travestis moravam e entregou a casa para a T e foi embora (Travesti I).

O único empecilho para a prostituição era a polícia que impedia o funcionamento. Em relatos, no processo de produção de informações, foi dito que a prostituição feminina não tinha tanto embate quanto a das travestis.

Os locais de zona tinham um papel fundamental para a segurança e acolhimento das travestis. O processo de cafetinagem mantinha uma segurança e organização das zonas do baixo meretrício.

O financiamento e o favorecimento da prostituição são proibidos no Brasil desde o decreto-Lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940. Em análise dos dados levantados, é possível afirmar que, em Presidente Prudente, a partir do final da década de 1970, com a derrubada dos cortiços nas áreas centrais e no Jardim Jabaquara, houve aptidão para a prática de prostituição em ambientes fechados fornecidos pela cafetinagem.

Em Presidente Prudente existem dois pensionatos que recebem as travestis vindas de outras cidades, estados e países. Cada casa tem seu ponto principal de prostituição (Rua Dr. Cyro Bueno e Vila Nova). Todavia, nas entrevistas foi identificado que não existe essa dominação sobre todas as travestis vindas de outras cidades.

Ornat (2011) apresenta as motivações de deslocamento das travestis entre cidades: “A medida em que a travesti e seus serviços tornam-se rotina, os rendimentos começam a diminuir, e isso leva a buscar outras cidades, inclusive mediante a intermediação entre as cafetinas” (ORNAT, 2011, p. 229). A partir do momento em que as travestis mudam de cidade, elas passam a ter novos clientes, criando uma rotatividade de suas rendas.

O pensionato recebe travestis vindas de outros estados, porém, o suporte que estas recebem não acontece como em cidades maiores - inserção de silicone, pontos de prostituição e proteção. As travestis que hoje chegam em Presidente Prudente, vêm em busca da tranquilidade que outras cidades, como São Paulo e Campinas, não possuem, desta forma,

proporcionando e contribuindo para as novas formas de representatividade ao universo da prostituição na cidade.

Descrição do bairro Vila Nova e o processo de des-territorialização da prostituição travesti

Os estudos realizados a partir da vivência dos corpos travestis relacionados à prostituição, mostra que estas práticas estão presentes nas ruas centrais, próximos a terminais rodoviários ou em locais onde haja uma grande parcela de edificações voltadas ao comércio e serviços

O bairro Vila Nova foi um dos primeiros a ser construído na cidade de Presidente Prudente, para além do núcleo inicial, que hoje constitui o centro tradicional da cidade. Ele está localizado próximo da área central e do marco zero da cidade – a Catedral de São Sebastião. Os lotes do bairro estão centrados entre as Avenidas Manoel Goulart, José Soares Marcondes, Brasil e Marechal Deodoro.

A Vila Nova teve suas primeiras construções por volta da década de 1920, após a consolidação das Vilas Goulart e Marcondes. Spósito (1983, p. 72) afirma que a Vila Goulart precisava ampliar. Assim, foi realizada uma espécie de duplicação do plano urbano da cidade, estendendo-o na sua porção sul. Foi assim que o bairro começou a ser edificado. Desde a sua construção, o bairro Vila Nova foi caracterizado como periférico, por estar “longe” do centro, no início do processo de expansão urbana da cidade – hoje trata-se de um bairro pericentral.

Atualmente, o bairro apresenta terrenos ocupados por uma divisão entre o comércio e residências. As funcionalidades destas edificações estão mescladas entre comércio/residência, onde muitas das vezes a moradia destas pessoas estão concentradas na parte superior da edificação e na inferior – a parte de baixo – está o comércio. Outra característica destas edificações é que o comércio pertence ao dono e morador do terreno. Desta forma, o bairro apresenta 69 edificações com estas características.

O bairro também é cenário a grandes movimentações de carros e pessoas tanto de dia quanto ao anoitecer – Durante o período diurno são devido à localização dos terminais de ônibus; os bares da Avenida Brasil; o shopping center; o acesso rápido ao centro; a presença de comércio; e a presença de hotéis. No final da tarde e à noite, o movimento

acontece por conta da demanda da prostituição e da presença do CRAS⁴ (Centro de Referência da Assistência Social).

As formas como são dadas as práticas cotidianas no bairro Vila Nova podem ser consideradas diversificadas, pois há presença de comércio e serviços de diferentes áreas (hotelaria, transporte, médicos, bares, etc.), funcionando no horário comercial - 8:00 às 18:00 – e trânsito de pessoas e carros a todo momento.

O bairro Vila Nova, por muito tempo, foi cenário á práticas de prostituição devido às formas cotidianas das travestis. Em Presidente Prudente, a prostituição não está restringida somente ao bairro Vila Nova, existem locais na cidade onde a prostituição ocorre de forma não corriqueira, como é o caso da Rua Dr. Cyro Bueno. É provável que as formas de territorialização das travestis nesta rua se deram de modos diferentes das territorializações no bairro Vila Nova, proporcionando significados distintos aos espaços.

Ao final deste trabalho, aconteceu uma situação que pode ser entendida como processo de desterritorialização da prostituição travesti. Diante a embates com uma parcela da população residente no bairro, as travestis tiveram que deixar este local e retornar à Rua Rui Barbosa, localizada ao centro da cidade.

Desta forma, podemos perceber as constantes formas de (des-re)territorialização que estes sujeitos são enfrentados a todo momento. O espaço que foi conquistado durante anos, respeitando a população local em um bairro que há uma grande parcela de usos voltados ao comércio e serviço, teve que ser deixado, mudando os significados de pertencimento por parte das travestis.

Haesbaert (2004) mostra que a desterritorialização dos grupos sociais acontece como um deslocamento físico, mas também pode se dar sem níveis de mobilidade espacial, com base apenas na negação de sua expressão simbólico-cultural. Desta forma, esta colocação pode definir as constantes transformações da vida das travestis que, forçadas a deixar o bairro, já identificado no imaginário social como território da prostituição, seus direitos são violados sendo preciso reconstruírem seus territórios de prática profissional e novamente, pela sua permanência e persistência, instituir neste espaço a sua identificação social com a prostituição travesti.

⁴ O Governo Brasileiro caracteriza o CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) como “[...] responsável por organizar e oferecer serviços da Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social” (Brasil, 2011).

Considerações Finais

Neste tópico de considerações finais, é possível afirmar que as formas como são dados os territórios pelas travestis em Presidente Prudente não são do mesmo modo como nos trabalhos mostrados em outras cidades como no Rio de Janeiro, São Paulo e Ponta Grossa.

Chego a esta conclusão colocando que as performances travestis tendem a mudar de um local para outro e de uma delimitação de fronteira à outra, até mesmo em relação a grupos específicos – outras travestis em outras áreas da cidade, prostituição feminina e masculina, moradores e clientes.

Mesmo que Presidente Prudente seja considerada uma cidade média, não é possível compará-la com outras cidades que possuem maiores demandas e diversidades corporais nos serviços oferecidos pelas travestis. Não há muitas opções de espaços que se oferecem como possibilidade de constituição de territórios da prostituição travesti. A Vila Nova tem uma trajetória que há muito tempo está associada com a prática da prostituição, um tempo que já não pôde ser recuperado pela memória dos sujeitos sociais

Por outro lado, os pontos positivos que podem ser destacados são que a cidade tem uma tranquilidade diferente de outras mais movimentadas e talvez isso proporcione uma expectativa de vida maior aos sujeitos. Em estudos apresentados por Silva (2013), fica evidente que a expectativa de vida das travestis é de 33 anos. Esta expectativa ocorre devido ao desgaste físico e psicológicos que são impostos para as travestis.

Ao término desta pesquisa, compreendo que o trabalho contribuiu para a visibilidade da prostituição travesti na cidade. No decorrer da pesquisa foi possível apontar que as travestis em Presidente Prudente constroem cotidianamente suas identidades nas ruas – de forma plural – a partir de trocas de experiências entre elas e da vivência no espaço urbano.

O território e os laços construídos entre as travestis novas e as antigas proporcionam um fortalecimento do território da prostituição, mesmo que a manutenção dele não dependa somente delas, mas sim de todo um conjunto de sujeitos que estão inseridos de forma direta ou indiretamente na vida destas pessoas – população residente no bairro Vila Nova, clientes, companheiras de trabalho e família.

O território da prostituição travesti em Presidente Prudente é (re)modelado em diferentes tempos e espaço, como aconteceu no Jardim Jabaquara, no centro da cidade e na Vila Nova. As territorializações que foram discutidas no trabalho poderão ser retomadas em futuras análises, a partir da construção dos corpos travestis e dos caminhos que estes sujeitos poderão vir a traçar nos espaços.

Referências

- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2003.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*. Niterói, Ano IX – v 9, n17, p. 20-46, 2007.
- MATTOS, R. B. A dinâmica dos espaços da prostituição na cidade do Rio de Janeiro: 1840-140. In: RIBEIRO, M. A; OLIVEIRA, R. S. (org.) **Território sexo e prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira 1ed. Rio de Janeiro - RJ: Gramma, 2011. 45-62.
- ORNAT, M. J. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa - PR**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR.
- ORNAT, M. J. Território descontínuo paradoxal e prostituição na vivência travesti do sul do Brasil. In: SILVA, J.M; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.) **Geografias malditas**: corpos, sexualidade e espaços. 1ed. Ponta Grossa – PR: Toda Palavra, 2013. 207-241.
- ORNAT, M, J. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 2011. 279f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ.
- RIBEIRO, M.A; OLIVEIRA, R.S. A Prostituição Feminina fechada na cidade do Rio de Janeiro: Dinâmica e organização espacial. In: RIBEIRO, M. A; OLIVEIRA, R.A. (org.). **Território sexo e prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Gramma. Rio de Janeiro, 2011.p. 63-74.
- SANTANA, V. C; BENEVENTO, C. T. O conceito de gênero e suas representações sociais. **EFDeportes**. Buenos Aires, Ano 17 – v1, n174, p. 1-10, 2013.
- SILVA, J. C. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, M.A; OLIVEIRA, R.A. (org.) **Território sexo e prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Gramma. Rio de Janeiro, 2011.p. 9-12.
- SILVA, J. M. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA, J.M; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.) **Geografias malditas**: corpos, sexualidade e espaços. 1ed. Ponta Grossa – PR: Toda Palavra, 2013. 143-182.
- SILVA, J. M; ORNAT, M. J; CESAR, T. R. A. O; CHIMIN JUNIOR; A. B; PRZYBYSZ, J. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para o Brasil. In: SILVA, J.M; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.) **Geografias malditas**: corpos, sexualidade e espaços. Ponta Grossa – PR: Toda Palavra, 2013. 85-142.

SPOSITO, M. E. B. **O “chão” em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana.** 1983. 230f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1983.

Sobre o autor – Informações prestadas pelo autor

Mateus Vantuir Cardozo Lopes

Atualmente cursa mestrado no programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT-UNESP) campus de Presidente Prudente. Graduando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Júlio Mesquita Filho Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT, Campus Presidente Prudente. Desenvolveu um projeto voluntário para o Apoio Técnico pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no ano de 2017 no GASPERR - Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais. Fez parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Como citar esse artigo

LOPES, Mateus Vantuir Cardozo. Territorialização e contexto histórico da prostituição travesti em Presidente Prudente – SP: Uma abordagem a partir do bairro Vila Nova e Jardim Jabaquara. **Revista Geografia em Atos (Geo Atos online)** - Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 95-108, mar, 2020. DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7285

Recebido em: 29-08-2019

Aceito em: 20-01-2020